



A Alberto Dines*

José Mario Pereira**

Topbooks | Rio de Janeiro, Brasil
jmp0123@gmail.com

De princípio, quero deixar registrado meu agradecimento à jornalista e professora Rose Esquenazi pelo amável convite para integrar esta mesa ilustre que hoje se reúne no Midrash, sob a condução do rabino e escritor Nilton Bonder, para lembrar a bela vida e a obra singular de um dos mais criativos, corajosos e produtivos intelectuais do Brasil moderno, Alberto Dines, com quem tive a grata satisfação de conviver e dialogar, e cuja personalidade e contribuição cultural ao país considero da maior relevância. Saúdo a todos os presentes, em especial Norma Couri, a grande companheira e colaboradora de Dines, a quem envio o meu abraço solidário.

Conheci Alberto Dines em 1981, nos meses que antecederam a publicação de *Morte no Paraíso*, sua admirável biografia de Stefan Zweig. Nosso primeiro encontro se deu na sede da Editora Nova Fronteira, que funcionava, à época, numa confortável casa na Rua Maria Angélica, no Jardim Botânico. Eu era, então, uma espécie de escriba da editora, responsável pela elaboração dos textos de orelhas dos livros, do material de divulgação e de entrevistas com os autores, a serem distribuídas para os jornais de todo o país. Assim, li a biografia de Zweig ainda em provas.

Numa manhã em que Dines foi à editora, às vésperas do lançamento, me apresentei a ele, disse qual era a minha função na casa e pedi para conversarmos por alguns minutos. Eu queria me certificar sobre detalhes da passagem de Zweig pelo Brasil para, então, finalizar a redação do material de imprensa. Dines mostrou-se muito atencioso, respondeu às minhas perguntas pacientemente, e ficou contente ao perceber que eu lera com cuidado o seu livro. Quando lhe disse que estava entusiasmado com sua biografia de Zweig, e que tinha certeza de que ela seria um sucesso, Dines fez cara de feliz, agradeceu com um riso que me pareceu revelar também alguma timidez, e me deu um rápido abraço. Esse gesto fraterno me sensibilizou. Constatei ali, de imediato, estar diante de um ser afável, predisposto à amizade, e essa primeira impressão só se confirmou no decorrer do tempo.

* Lido no Midrash Centro Cultural em 6 de junho de 2018.

** Jornalista e editor da Topbooks.



A noite de autógrafos, na Livraria Xanam, no Shopping Cassino Atlântico, no final da Av. Atlântica, em 16 de novembro de 1981, uma segunda-feira, foi das mais movimentadas do ano. Pedro Paulo de Sena Madureira, o editor, e Sérgio Lacerda, o dono da Nova Fronteira, não escondiam a alegria com a receptividade ao livro do ex-editor-chefe do *Jornal do Brasil*. Vale lembrar que o livro saiu com a biografia de Maria Antonieta, por Zweig, pois Dines convencera Pedro Paulo a reeditar o autor, cujos livros, naquele momento, só se encontravam em sebos, nas antigas edições que Abraão Koogan, seu primeiro editor no país, fizera na Editora Guanabara.

Semanas antes do lançamento de *Morte no Paraíso*, estive na Nova Fronteira, o ensaísta e diplomata José Guilherme Merquior, meu amigo e editado da casa. Como Dines, por coincidência, estava lá, Sérgio Lacerda que nos levou para a sala dele, mandou chamar Pedro Paulo, pediu que trouxessem café, e lá ficamos um bom tempo conversando sobre coisas da política e da literatura. Merquior demonstrou imediato interesse pelo livro de Dines, e logo depois Pedro Paulo fez chegar a ele uma cópia. Merquior escrevia, então, semanalmente, no *Jornal do Brasil*, mas durante o encontro a que me refiro nada disse sobre resenhar ou não a biografia escrita por Dines. No entanto, dias depois, por telefone, me contou que “talvez” escrevesse algo a respeito, o que efetivamente acabou por fazer: em 29 de novembro, um sábado, publicou o artigo “Zweig: uma estética da existência”, no qual ressaltava o acerto da perspectiva narrativa adotada pelo mais recente biógrafo do prolífico escritor vienense:

Morte no Paraíso, a (retro) ‘reportagem humanista’ de Alberto Dines sobre os últimos anos de Stefan Zweig (1881-1942), contrasta com argúcia um mito, a utopia do trópico-eldorado, com uma vivência facilmente miticizada: o desespero do intelectual europeu, e sobretudo judeu, diante do holocausto nazi. [...] Uma das qualidades do biografismo humanizado mas não demagógico de *Morte no Paraíso* é a crônica isenta dos mal-entendidos entre a cautela do refugiado Zweig, hóspede de um Estado Novo ainda indeciso entre o Eixo e a causa aliada, e a nossa esquerda da época, ‘cobrando’ do escritor atitudes mais combativas. No Brasil, Zweig permaneceu apolítico – mas isso não o impediu de defender sua raça, não o fez esquecer que devia o primeiro empurrão de sua carreira literária ao fundador do sionismo, seu conterrâneo Theodor Herzl.

Esse foi apenas o primeiro artigo de peso a ressaltar a novidade e a abrangência



da pesquisa empreendida por Dines. Muitos outros viriam a seguir. Em sucessivas edições, sempre revistas, *Morte no Paraíso*, já editado inclusive na Alemanha, firmou-se como um livro essencial sobre Zweig, além de contribuir para aproximar as novas gerações de sua obra e iluminar o entendimento de como se processaram as relações do Estado Novo com muitos intelectuais e escritores.

Foi, portanto, no contexto do lançamento de *Morte no Paraíso*, adaptado para o cinema pelo diretor Sylvio Back, que se alicerçou a minha camaradagem com Alberto Dines. Desde então, pelo fato de morarmos em cidades diferentes, nossos encontros pessoais ocorreram de forma espaçada, mas, valendo-me do telefone, pude conversar com Dines inúmeras vezes, e com ele trocar informações sobre livros, pessoas que conhecíamos, autores que admirávamos; livros que acabavam de sair e outros, esgotados, que ele achava que mereciam ser reeditados; projetos que estava desenvolvendo, artigos que tinha urgência em localizar; autores que eu publicara e ele queria entrevistar (um deles, o delegado Cláudio Guerra, de quem editei um depoimento estarrecedor sobre ações de extermínio de pessoas durante o regime militar), livros que eu lhe enviava.

Posso afiançar, sem exagero, que de todas essas conversas saí com o sentimento de que Dines era incansável, tanto pela variedade de suas leituras quanto pela capacidade de trabalho. A seriedade intelectual do nosso homenageado, seu entusiasmo pelos grandes temas do espírito, o conhecimento que possuía não só do seu *métier* profissional, o jornalismo, mas também da saga do judeu no mundo, com destaque para o modo como se processou no contexto ibérico e espanhol, sem o que ele não teria escrito uma obra da envergadura de *Vínculos de fogo*, deixavam evidentes a solidez de seus conhecimentos, sua curiosidade omnívora, e o volume de informação que possuía a respeito da produção da mais recente *scholarship* sobre os temas de seu interesse. Os primeiros versos de “Operário da palavra”, poema do grego Yiánnis Ritsos, caberiam bem como epígrafe de uma futura e necessária biografia de Dines: “Trabalhou a vida toda duramente, incondicionalmente/com ardor, com arrebatamento, quase com fé na/ imortalidade...”.

Aciono a máquina da memória e ouço a voz de Alberto Dines me contando de suas frequentes conversas, na sede do *Correio da Manhã*, com o ensaísta Otto Maria Carpeaux, a quem tanto admirava, e cujos ensaios editei. Lembro, também, da tarde em que me falou com entusiasmo da obra de Elias Lipiner (1916-1998), para ele o “seu mestre”, me convocando a ler *Os batizados em pé: estudos acerca da origem e da luta dos Cristãos-novos em Portugal* (1998); depois que cumpri a tarefa, ele me passou o telefone desse grande historiador



nascido na Ucrânia, então morando em Israel, para que eu ligasse para ele, o que de fato fiz. Na verdade, Dines estava preocupado com o desânimo que parecia rondar o amigo e imaginou que receber um telefonema de tão longe, de alguém falando com apreço de sua obra, possivelmente o animaria. A meu ver, essa atitude expressa bem o sentimento de solidariedade, a vocação para o diálogo, o pendor analítico, a disponibilidade para a compreensão do outro que animou seu trabalho como biógrafo, especialmente em relação a Zweig e ao dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu, queimado pela Inquisição em 1739.

Um tema recorrente em nossas conversas era a contribuição judaica à cultura universal. Sempre procurei me informar a respeito dela, e Dines era um especialista, de modo que eu o consultava sempre. Diversas vezes conversamos sobre Gershon Scholem, o grande estudioso da mística judaica, amigo de Walter Benjamin, autor, entre outros, de *Sabatai Tzvi*: o messias místico, um livro apaixonante, erudito, que exigiu anos de pesquisa, e que pensávamos deveria ser levado ao cinema. Falamos também de Uriel da Costa, Spinoza e Heine, de seus dramas pessoais, e da relação conflituosa que mantiveram com a tradição intelectual de seu povo. Trocamos informações sobre Américo Castro e Claudio Sanchez-Albornoz, que se enfrentaram numa polêmica de anos a respeito da contribuição judaica e moura à formação da identidade espanhola.

Pouco depois de ver em DVD o filme *O Golem*, de Carl Boese e Paul Wegener, comentei sobre ele com Dines sem saber que havia começado no jornalismo como crítico de cinema. Ele não só o conhecia como recordou várias cenas. Tempos depois, retornou ao assunto, pois tinha lido uma resenha elogiosa de uma obra de Moshe Idel sobre o Golem, e me recomendou que a adquirisse. Recordo ainda da afeição que dedicava a escritores como Isaac Bashevis Singer e Joseph Roth, e, por fim, que foi ele, que se via como judeu laico, quem me falou pela primeira vez, com franco entusiasmo, da edição do primeiro volume do *Zohar*, com tradução e comentários de Daniel C. Matt, que acabara de sair pela Stanford University Press.

O legado intelectual de Alberto Dines é imenso. As ideias inovadoras que pôs em prática nos jornais e revistas que dirigiu, a ação pedagógica por ele exercida como professor nos muitos cursos de Jornalismo e Comunicação que ministrou por décadas, os programas de televisão que idealizou e apresentou, entre eles o “Observatório da Imprensa” e “O Canto dos Exilados”, a organização da coleção contendo as 175 edições do *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, lhe garantem um lugar de destaque na história de nossa imprensa. Os muitos livros que escreveu, e que incluem também ficção, suas inúmeras contribuições em obras coletivas – com destaque para *Os idos de março e a queda em abril*, de 1964 – testemunham a enorme capacidade de trabalho, a agudeza de sua



sensibilidade no campo da pesquisa histórica, e a elegância de sua prosa.

Embora sejamos obrigados a concordar com Moses Ibn Ezra quando observa, numa de suas meditações, que “o homem tem consciência, no curso da sua vida,/ de ser levado para a morte”, a partida de alguém próximo, a quem admiramos, nos entristece. Só nos resta recordá-lo, sozinho ou na companhia de amigos. É o que viemos fazer aqui hoje: recordar Alberto Dines, o profissional exemplar, o homem corajoso e solidário, o conviva irônico e bem-humorado, o intelectual cosmopolita e o judeu cultor da história e da sabedoria de seu povo.

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 10/08/2018.